

# "CARICULTURA": AUTONOMIA E RESISTÊNCIA NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO ASSENTAMENTO BARRA DO LEME

Ana Cecília dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo objetiva refletir sobre as relações entre seres humanos, a cultura e o meio ambiente, onde a experiência artística realizada num assentamento está atrelada à necessidade dos sujeitos reinventarem seus cotidianos independentemente da produção artística vigente nos centros urbanos. A pesquisa de campo ocorreu num assentamento agrário (Barra do Leme) no município de Pentecoste-CE. Por meio de entrevistas e da técnica análise do discurso, os moradores do referido assentamento descreveram seus cotidianos, suas expectativas, suas expressões artísticas e culturais. Essa pesquisa busca compreender em que medida o grupo "Caricultura" é capaz de reinventar seus cotidianos, a partir da aproximação entre a arte e a vida, por meio de processos de sociabilidade que resultam num despertar dos potenciais criativos dos moradores deste assentamento.

**Palavras-chave:** Arte; Meio Ambiente; Políticas Públicas.

**Abstract:** *This paper aims to explore the relationship between people, culture and the environment in a rural settlement where people experience art making the connection between art and their daily lives, highlighting the reinvention of everyday life, notwithstanding the existence of contemporary artistic productions in metropolitan areas. The field research was conducted at a rural settlement (Barra do Leme) located in the town of Pentecoste-CE. Data were collected through interviews with the residents and discourse analysis was used to explore their daily lives, including their expectations and forms*

---

<sup>1</sup>Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Políticas Públicas e Sociedade na Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

*of artistic and cultural expressions. This research seeks to evaluate the "Caricultura" group by their ability to reinvent themselves, exploring ideas concerning the relationship between art and life, through the lens of social processes for encouraging and awakening the creative potential in the residents of this settlement.*

**Keywords:** *Art; Environment; Public Policies.*

## **1. Introdução**

Desde épocas mais remotas, encontramos manifestações culturais e artísticas produzidas pelo homem que atestam suas formas de relacionamento com o mundo. Homens e mulheres organizaram tradicionalmente sua existência, deixando-a repleta de significados e revelando-a como linguagem, transformando, enfim, paisagens naturais em meio cultural.

Além de vincular o homem ao mundo, a arte possibilita animar o ser humano, uma vez que ela é expressão da razão, mas, também, dos sentidos, despertando sentimentos e pensamentos capazes de mobilizar e transformar sua vida. Funciona também como força integradora de uma comunidade, principalmente quando se encontra na arte o resgate da memória e a transmissão de saberes. Possibilita, ainda, uma reinvenção do cotidiano, servindo como um instrumento neutralizador das angústias do homem diante da vida e da morte.

No contexto da reforma agrária, a arte pode desempenhar um papel importante para a vida rural, ampliando sua capacidade poética e imaginativa, reconciliando os seres humanos com a natureza. De acordo com Barroso:

O pensamento que liga o homem à natureza e o roceiro à terra em que trabalha é parte de uma concepção tradicional do mundo, por alguns chamada mítica ou mágica. Esta, não se trata de uma lógica pré-científica ou de um modo de comportar-se, de dar significação à realidade, ou seja, de uma cultura ultrapassada. Tradição e modernidade, ciência e magia coexistem e são contemporâneos (BARROSO, p.59, 2005).

Para Barroso "os assentamentos de reforma agrária devem ser percebidos como um microcosmo (...) ligado ao mundo". (BARROSO, p.74, 2005). Por isso, o autor considera necessário cuidar do registro da memória do assentamento e difundir a cultura e as tradições do campo, para, através das manifestações artísticas, expandir a auto-estima e o sentimento de pertença entre os assentados.

O autor afirma, a partir da obra de Roseli Caldart, que as manifestações artísticas articulam um sentido para a luta pela reforma agrária no campo.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA/CE) desenvolveu através do Projeto do Ministério da Cultura, intitulado "Ponto de Cultura"<sup>2</sup>, o Projeto "Arte e Cultura na Reforma Agrária" em vários assentamentos no Estado. Seu objetivo principal é transformar assentamentos em espaços do 'fazer artístico', ou seja, de acordo com Silma Magalhães, coordenadora do projeto, o intuito é fortalecer a cultura tradicional no interior cearense, através do projeto que envolve o registro e a divulgação das manifestações culturais em multimídia, a inserção da cultura popular na dinâmica educacional local, além da publicação de material de reflexão. Foram sete<sup>3</sup> projetos culturais de assentamentos de reforma agrária no Ceará que se tornaram "Pontos de Cultura". O edital dos selecionados pela Secretaria de Cultura do Ceará (SECULT) foi divulgado no dia 04/02/2009.

No sítio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)<sup>4</sup>, que se refere ao Projeto "Arte e Cultura na reforma agrária", chamou-me a atenção o resultado do edital que premiou o município de Pentecoste-CE:

"Cantos da Mata", do assentamento Barra do Leme, em Pentecoste

A questão ambiental foi bastante difundida em Barra do Leme após a realização do Projeto Ciclovida, em que assentados viajaram de bicicleta

---

<sup>2</sup>Ação prioritária do Programa "Cultura Viva" do Ministério da Cultura (MINC) que assume a cultura, a educação e a cidadania, enquanto incentiva, preserva e promove a diversidade cultural brasileira. Por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais, o MINC iniciou, em 2004, a implantação dos Pontos de Cultura, com a missão de reconhecer e reverenciar a cultura viva de seu povo. O Programa "Cultura Viva" contempla iniciativas culturais que envolvem a comunidade em atividades de arte, cultura, cidadania e economia solidária. Essas organizações são selecionadas por meio de edital público e passam a receber recursos do Governo Federal para potencializarem seus trabalhos, seja na compra de instrumentos, figurinos, equipamentos multimídias, seja na contratação de profissionais para cursos e oficinas, produção de espetáculos e eventos culturais, entre outros. (Disponível em [http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva)).

<sup>3</sup>Foram aprovados os projetos dos assentamento de Lagoa do Mineiro, localizado no município de Itarema; Barra do Leme, que fica em Pentecoste; Tiracanga II, em Canindé; Recreio, no município de Quixeramobim; Cachoeira do Fogo, localizado em Independência; Santana, em Monsenhor Tabosa; e Lagoa do Mato/Esperança, em Sobral.

<sup>4</sup>Disponível em [www.mda.gov.br](http://www.mda.gov.br).

por todo o Brasil e países da América Latina divulgando a utilização de sementes nativas e o respeito ao meio ambiente. O projeto Cantos da Mata pretende ampliar esse discurso com a realização de um Seminário de Arte, Cultura e Educação Ambiental, de exposição fotográfica contando a história do Projeto Ciclovida e a montagem de um espetáculo teatral em homenagem a Chico Mendes. Um CD será gravado. O projeto prevê também a instalação de um Centro de Inclusão Digital e o resgate do Reisado local.

Anteriormente, tinha ouvido falar dessa experiência da viagem de bicicleta do Ceará à Argentina, realizada por algumas pessoas do assentamento Barra do Leme. No ano de 2008, um aluno do mestrado acadêmico de Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará (UECE), havia me mostrado o *blog*<sup>5</sup>, criado pelos moradores do assentamento, onde se liam narrativas sobre a viagem. Após ler no sitio do Ministério de Desenvolvimento Agrário sobre o Projeto, obtive do mestrando o telefone dos moradores do assentamento que fizeram a viagem. Ele os conhecia pessoalmente, pois já havia passado alguns dias no referido assentamento. Resolvi, então, fazer minha pesquisa sobre o Projeto "Arte e Cultura" no assentamento Barra do Leme, pesquisando o projeto "Cantos da Mata".

Para Barroso "a cultura é entendida como a maneira de ser de um povo, a subjetividade de uma gente (...), seus imaginários e universos simbólicos" (BARROSO, p.22, 2005). Diante desta definição, minha preocupação inicial era saber até que ponto uma política pública, voltada para o fomento à cultura, que se propõe ao desenvolvimento social-econômico das comunidades, é capaz de se relacionar com os imaginários, ou ainda com as dimensões subjetivas do homem que vive no campo. Será que essa política pública contribuiria para compreender as singularidades e necessidades culturais dos moradores do assentamento Barra do Leme, indo além de meros objetivos de progresso social e econômico? Será que é capaz de estimular o desenvolvimento humano sem intervir na espontaneidade e nos cotidianos dos assentados, assim como nas suas produções artísticas?

O objetivo geral é refletir sobre as relações entre homens, mulheres, cultura, meio ambiente, Política Pública Cultural em um dado assentamento rural.

---

<sup>5</sup>Disponível em [Projetociclovida.blogspot.com](http://Projetociclovida.blogspot.com).

Especificamente observar como o grupo artístico desenvolve práticas de sociabilidade, resgate cultural, discussões sobre o meio ambiente, a partir de manifestações artísticas vividas nos seus cotidianos. Os objetivos específicos são: conhecer o grupo artístico e o seu processo de formação; compreender as relações sociais formadas dentro do grupo, assim como a arte e o cotidiano; identificar as representações dos integrantes sobre a natureza; identificar a representação dos moradores do assentamento Barra do Leme e dos componentes do grupo sobre o trabalho artístico que vem sendo realizado; levantar as expectativas dos indivíduos que atuam no grupo percebendo a relação entre o grupo artístico e a Política Pública promovida pelo INCRA-CE.

## **2. Percurso teórico metodológico**

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi necessária, além da pesquisa bibliográfica, uma pesquisa de campo realizada no assentamento Barra do Leme. Nela foi utilizada a técnica da entrevistas e a trajetória de vida de alguns personagens<sup>6</sup>. Durante as entrevistas, realizadas nesse trabalho, refletirei sobre alguns pontos que considero importantes para compreender o trabalho artístico que realizam. Um deles é a própria representação da arte para os assentados. Através das entrevistas, tentarei compreender como a arte possibilita as expressões dos sonhos, desejos e necessidades do cotidiano dos integrantes do grupo artístico, enfim, como através da arte é possível ao assentado simbolizar os seus anseios perante o mundo, ao mesmo tempo contribuindo para fixá-lo em um território.

A primeira etapa da pesquisa foi iniciada e prosperou, mediante processos inesperados que surgiram na ida ao campo e durante as entrevistas com os informantes. Para Bachelard, "um método excelente termina por perder sua fecundidade se não se renova no seu objeto" (BACHELARD, p.95, 1978).

Por isso, a construção do conhecimento sobre o objeto pesquisado foi brotando durante o caminho da investigação, por meio da interação com o lugar e com os personagens. De acordo com Geertz (1989), estudar as culturas é

---

<sup>6</sup>Utilizarei no decorrer deste trabalho a expressão "personagem" estabelecida a partir da idéia de representação teatral no cotidiano dos indivíduos, presente na obra "A Representação do Eu na Vida Cotidiana" de Erving Goffman. O autor emprega a perspectiva de representação teatral para tratar do modo como os indivíduos se apresentam a si mesmos e as suas atividades às outras pessoas.

entender o mundo conceitual no qual vivem os sujeitos, é interpretar, buscar os significados, observar os comportamentos.

Para começar a pesquisa, fui ao campo com a intenção de adentrar no universo das pessoas que participam do grupo artístico, para assim, compreender seus processos, as particularidades do grupo, os mecanismos e regras de convivência e as representações sobre essas regras. Realizei viagens a fim de conhecer a vida, a rotina de um assentamento no sertão cearense, buscando dessa forma, uma integração com o campo da pesquisa.

Gravei entrevistas, almejando saber os motivos, as particularidades que os levaram às ações praticadas, buscando conhecer e aprofundar as trajetórias sociais dos personagens da pesquisa. Para Elias (1984), a sociedade está num fluxo contínuo de mudanças rápidas ou lentas. Dentro da sociedade ocidental, existem outras sociedades vivendo conjuntamente. Por isso, nosso raciocínio deve partir das unidades menores que compõem as maiores através de suas inter-relações. É importante investigar as primeiras como são em si, independentes de todas as suas relações com as outras. Segundo Laville e Dionne:

Um pesquisador se dedica a um dado caso, é muitas vezes porque ele tem razões para considerá-lo como típico de um conjunto mais amplo do qual se torna representante, que ele pensa que esse caso pode, por exemplo, ajudar a melhor compreender uma situação ou um fenômeno complexo, até mesmo um meio, uma época (LAVILLE, DIONNE, p.56, 1999).

Utilizei o estudo das trajetórias sociais para melhor compreender os processos, os elementos motores que alguns personagens da pesquisa vivenciaram até o surgimento do grupo. Escolhi colocar na pesquisa a trajetória social para poder compreender os motivos que os levaram a realizar esse trabalho de resgate da cultura camponesa, da preservação do meio ambiente através das artes como a música, a xilogravura, a contação de história, o teatro e a dança. Os entrevistados narraram suas histórias livremente. Essa metodologia tem como objetivo perceber melhor a relação entre os indivíduos e as suas comunidades, dando voz aos indivíduos que através de suas histórias de vida, se tornam sujeitos produtores da história e da vida social. Para Laville e Dionne:

Obtêm-se assim belas ocasiões de compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passaram por eles, vividos na indiferença ou na participação

ativa. É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela (LAVILLE, DIONNE, p.159, 1999).

Em seguida, transcrevi as falas, e em alguns momentos, utilizando-me da técnica da análise do discurso, busquei compreender as falas dos informantes em determinado contexto. De acordo com Luis Henrique Eiterer<sup>7</sup> a análise do discurso envolve algo mais do que saber o que se fala, envolve saber quem fala, para quem fala, como falam e para que falam, pois o discurso pode ter inúmeras funções e significados.

A pesquisa de campo provocou a realização de novas leituras, fruto das falas dos informantes. Dessa forma, foi surgindo à necessidade de definir as categorias e os conceitos sobre cultura, mito, imaginário, religiosidade, políticas públicas culturais, além de alguns conceitos relativos ao mundo rural, que serviram como base da pesquisa.

### **3.Dados e interpretação da pesquisa**

Contatei numa passagem por Fortaleza Inácio e Ivânia, os fundadores do grupo reconhecido pelo nome "Caricultura" que ganhou o edital para participar dos "Pontos de Cultura". Falei sobre o que eu gostaria de pesquisar e trocamos algumas idéias. Os dois moram no assentamento "Barra do Leme", sendo os responsáveis pela mobilização dos trabalhadores rurais na luta pelo direito de morar nas terras onde é hoje o assentamento. Também foram eles, com a participação de jovens e crianças moradores da comunidade, os idealizadores do Projeto "Cantos da Mata", ganhador do edital de financiamento de manifestações culturais no interior do Ceará, por meio do "Arte e Cultura na Reforma Agrária" (projeto administrado pelo INCRA), vinculado ao Programa "Pontos de Cultura" da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Inácio e Ivânia juntamente com outros moradores do assentamento viajaram do Estado do Ceará à Argentina de bicicleta, a fim de conhecer, mediante a experiência de outros agricultores, diversas formas de "autonomia" em relação ao trato com a terra. Trouxeram dos locais que visitaram várias sementes que reproduzem

---

<sup>7</sup>Disponível em <http://lheimerer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html>.

conhecidas pelo nome de "sementes crioulas", pois segundo estes agricultores, as sementes que compram no mercado para plantar não se reproduzem.

Ao visitar o assentamento Barra do Leme, Inácio mostrou a vegetação, as mudas e as plantas que trouxeram de outros lugares. Mostraram um lugar devastado por queimadas e que ambos fizeram plantações que floresceram. Apesar de ouvirem os moradores reclamando, afirmando que as plantações não iriam vingar, Inácio e Ivânia persistiram e atualmente cultivam diversas plantas que frutificam nesse local. Durante a viagem à Argentina, o casal trouxe sementes de vários lugares, possibilitando a criação de diversas espécies de plantas.

A maioria dos moradores do assentamento "Barra do Leme" não planta, cria bovinos e caprinos. Para a criação desses animais queimam a vegetação, a fim de formar pastos. Inácio e Ivânia não querem criar animais, mas plantar para a sua subsistência no assentamento. Essa atitude gera conflitos entre os que querem queimar a vegetação e os que querem cultivar as terras sem queimadas. Segundo Ivânia, quando realizam as queimadas o solo fica empobrecido, dificultando o florescimento das plantas.

No assentamento Barra do Leme encontramos outros pesquisadores que também estudavam o grupo artístico "Caricultura". Os integrantes do grupo de teatro conhecido pelo nome de "Nós de Teatro" estavam fazendo a pesquisa, a fim de realizar um documentário. De acordo com A., o "Arte e Cultura na Reforma Agrária" (projeto do INCRA-CE) estão formando uma parceria com o "Nós de Teatro" com o objetivo de realizar uma pesquisa. A. revelou que também é técnico do INCRA-CE e faz acompanhamento pedagógico nos assentamentos participantes do "Ponto de Cultura", posição favorecedora do contato do "Nós de Teatro" com o "Arte e Cultura na Reforma Agrária".

Fiquei sabendo que escolheram apenas o assentamento "Barra do Leme" para a realização da pesquisa e perguntei o motivo. A<sup>8</sup>. respondeu:

Escolhemos a Barra do Leme por perceber que eles não se rotulam, por exemplo, pra fazer um texto cada um produz alguma coisa, todo mundo se junta e faz um texto da peça e em relação à direção, não tem a figura do diretor, não tem a figura que está lá para orientar. Cada um vai se orientando e eles tratam muito intimamente a relação com a terra, com a ecologia e a gente viu essa diferença em relação aos outros assentamentos.

---

<sup>8</sup>Os nomes dos depoentes estão abreviados para garantir o sigilo.

Os integrantes do grupo "Nós de Teatro" realizaram uma reunião, que iniciou com uma dinâmica para descontrair. Em seguida, A. continuou levantando algumas questões sobre a direção e a função do diretor em um espetáculo teatral. A dinâmica se desenrolou em torno do conceito de "poder" discutido exaustivamente entre os integrantes do grupo, ou seja, no final da dinâmica percebi que o "diretor" poderia se tornar uma figura de opressão para os participantes da reunião. Acredito que A. tenha pensado nessas questões, pelo fato do grupo não possuir um diretor. Após o término das discussões, A. pediu que todos escrevessem um texto expressando suas idéias em relação ao que havia sido discutido e entregassem em outro momento. Abaixo, entrevista com M., 19 anos, narrando como pensa e como refletiu sobre o que foi discutido na reunião:

Estou no grupo desde o começo. A gente ver isso: todo mundo tem a capacidade de construir alguma coisa e quando fica na figura do diretor nós vamos ser comandado, não vamos poder dar a opinião, nós vamos ficar vetado. Dificilmente a gente escreve um texto para peça. Cada um dá uma idéia e a gente vai encenando e se vai dando certo, vai ficando. Cada um cria. Quando vem a inspiração a pessoa dá a opinião e fica na peça quando é consenso. A partir de uma discussão a gente forma uma peça e sempre fazemos discussões. No começo a gente brincava e começou a surgir a discussão sobre o porquê alguns brincavam e outros preferiam ficar em frente a televisão. No nosso grupo as discussões são feitas em rodada e cada um dá a opinião e por menor que seja a pessoa, ela opina, por isso tem a participação de cada um na peça.

O grupo Caricultura se mostrou aberto a sugestões, mas resistente quanto à intervenção de pessoas externas que desejassem modificar a estrutura inicial do grupo, no qual não existe diretor e todos expõem suas sugestões a respeito da formação e construção das produções artísticas.

No grupo artístico do assentamento "Barra do Leme", o fazer artístico estetiza a existência. A arte surge como "forma de vida", permitindo aos indivíduos a sustentação de sociabilidades ritualizadas no cotidiano do grupo, integrando a comunidade, fornecendo um "prazer de viver com o outro". As pessoas comungam dos mesmos problemas e das mesmas questões e as vivenciam por meio das expressões artísticas. Assim, a arte aparece como referência simbólica, concreta e espontânea da realidade, tornando-se meio de transmissão de conhecimentos.

A arte tem uma faceta revolucionária por não se submeter à racionalidade, podendo expressar-se a partir de metáforas, de símbolos, ou seja, a linguagem artística não tem compromisso com a objetividade. É uma forma de expressão dos sentidos e, dessa maneira, alcança as subjetividades, uma vez que revela outras dimensões, produzindo sensações muitas vezes incomunicáveis.

Para Marcuse (1975), o artista devolve à sociedade a ação que ela exerce sobre ele e ao abrir outra dimensão, expõe coisas que não são percebidas na vida cotidiana. Para o autor, o artista pode capturar toda a amargura e horror, todo desprezo e tristeza da realidade, e converter tudo isso de uma forma revolucionária em beleza, graças à forma artística.

Jung<sup>9</sup>, por meio de suas investigações, nos diz que a linguagem simbólica da consciência, não dialoga com o inconsciente. Somente os símbolos são capazes de expressar a linguagem do inconsciente. Os trabalhos artísticos, por outro lado, têm a função de revelar aspectos do comportamento do indivíduo, constituindo uma possibilidade de manifestação do inconsciente coletivo<sup>10</sup>.

A vontade consciente não pode alcançar uma tal unidade simbólica, uma vez que a consciência, nesse caso, é apenas uma das partes. Seu opositor é o inconsciente coletivo, que não compreende a linguagem simbólica da consciência. (...) Só através do símbolo o inconsciente pode ser atingido e expresso (JUNG, p.44, 1983).

No depoimento de M., 19 anos, integrante do "Caricultura", observamos a força simbólica proposta por Jung presente na manifestação artística:

---

<sup>9</sup>Carl Gustav Jung (1875-1961) psiquiatra suíço, percebeu que a compreensão da criação de símbolos era importante para o entendimento da natureza humana. Ele então, explorou as correspondências entre os símbolos que surgem nas lutas da vida dos indivíduos e as imagens simbólicas religiosas subjacentes, sistemas mitológicos, e mágicos de muitas culturas e eras.

"Inconsciente Coletivo", segundo o conceito de psicologia analítica criada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, é a camada mais profunda da psique humana. Ele é constituído de imagens e idéias análogas que foram herdadas da humanidade e são comuns a todos os seres humanos. A existência do inconsciente coletivo não é derivada de experiências individuais, tal como o inconsciente pessoal, trabalhado por Freud, embora precise de experiências reais para poder se manifestar. Tais fatores funcionais do inconsciente coletivo foram chamados por Jung de *arquétipos*.

Quando estou apresentando é mágico, muitas pessoas disseram que eu me transformo, sou outro. Quando pinto o rosto com a maquiagem, acho mágico, me transformo nem eu entendo o que acontece. Eu não consigo ser do jeito que estou aqui para do jeito que fico quando estou mascarado, não consigo explicar.

Nas trajetórias sociais do grupo, a arte também aparece como uma necessidade de expressão objetivando a resistência da cultura no campo. Perguntei sobre o envolvimento dos adultos do grupo com partidos políticos, movimentos sociais ou movimentos religiosos e a resposta foi a de que o único movimento do qual participam é o de resistência na terra. Observei em minhas investigações a disposição deles para o diálogo com tendências diversas, mas resistem quanto às intervenções que os possam institucionalizar, ou seja, a interferências contrárias à forma espontânea com que se organizam e atuam. Para eles, autonomia está sempre na pauta do dia de suas atividades. Essa forma de vivência é que mostra os processos de luta que levam a enxergá-los como um grupo de resistência no campo.

O objetivo do grupo "Caricultura" é possibilitar a união e a luta dos trabalhadores e trabalhadoras do campo em relação aos seus cotidianos (principalmente em momentos difíceis como a seca) e ao distanciamento das suas tradições, assim como a preservação do meio ambiente. Como esclarece Inácio:

Essas formas de expressão cultural são formas que a gente tem para veicular um pensamento com atuação, uma atuação de luta. As formas de expressão artísticas, a gente já tinha a literatura de cordel, xilogravura, um pouco de música. O que a gente exercitou pouco foi o teatro. É mais a música, a canção, a literatura de cordel. É interessante que essas formas vão surgir nos momentos difíceis de resistência. (...) Você vai encontrar esse fortalecimento nas formas de expressão lúdica. Você não sabe como falar, então surge peças de teatro.

Para Bachelard, "tudo começa somente para aquele que sabe ser espontaneamente espontâneo" (BACHELARD, p.147, 1991) e foi de forma espontânea, por meio das brincadeiras, do estímulo de sensações, isto é, a partir da capacidade de aguçar os sentidos para perceber as emoções que nasceu a vontade de fazer teatro. Como Inácio expõe, "a arte não é propriedade de uma

indústria cultural, ela brota a partir de um estímulo, de uma animação". A palavra "animação" no seu sentido etimológico significa ato ou efeito de animar, dar vida, infundir, ânimo, valor e energia. Tem origem na palavra latina *anima* que significa princípio vital, sopro, alma<sup>11</sup>. Portanto, "a arte de animar" possibilitou "o parto dos artistas". A arte aparece como necessidade de expressão, a partir da percepção do cotidiano. Como afirma Inácio, um dos depoentes:

As músicas era uma forma que a gente utilizava pra animar. Então imagina essas pessoas são carentes de tudo. Eles são famintos não só de pão, mas também de cultura, de expressão. Elas querem se expressar e nisso elas foram muito despossuídas, despropriadadas das suas formas naturais de ser. Então ela vai se reencontrando, se revalorizando.

Segundo Barroso (2005), na metade do século XX com a inserção dos meios de transporte e comunicação do campo as manifestações artísticas camponesas adentraram no universo do mercado capitalista que os colocou sob exigências, que muitas vezes, distorcia a cultura no campo, imputando-lhe valores e gostos diferentes ao seu meio cultural. Como narra Inácio:

Quando o capitalismo entrou no campo ele criou especialista, ele criou o artista, ele criou a estrela e não existe estrela, entende? Todo mundo é estrela, todo mundo é capaz. Cada um que tava participando daquela reunião fez um texto digno de uma música que não perde pra nenhuma das eruditas, entende? Pessoas do campo, crianças, adolescentes, não perde.

Santos (2000) expressa que nos lugares geográficos se estabelecem forças contraditórias: àqueles que visam o estabelecimento da cultura de massa e os que são afetados e desejam uma situação diferente:

É que no local tem-se a obediência e a revolta. Há sempre as duas coisas. Evidente que há a cultura de massa, que está presente em toda parte, mas existe também a cultura popular que renasce a cada momento, porque há uma produção de pobreza permanente. (...). O lugar geográfico é também o lugar filosófico da descoberta, porque nele se batem forças contraditórias.

---

<sup>11</sup>Disponível em <http://brincarte.blogspot.com/2004/11/palavra-anima-no-seu-sentido.html>.

Há, de um lado, os que buscam o lucro a todo custo e se apropriam dos pontos mais vantajosos e há todos os demais, mais ou menos afetados por uma situação que desejam modificar (SANTOS, p.63-64, 2000).

De Certeau (1990) cita o questionado "sucesso" na conquista que os colonizadores espanhóis tiveram perante os indígenas, uma vez que os mesmos rejeitavam e subvertiam as leis, os rituais, por meio de práticas cotidianas que modificavam a maneira de usar o sistema da qual não podiam fugir. Para o autor, essas "maneiras de fazer" constituem uma "reapropriação" dos usuários do sistema, do espaço organizado pela produção sócio-cultural. São trilhas para impor outros desejos que não são determinados pelos sistemas, ou seja, o grupo "Caricultura" não fica embotado pela cultura de massa<sup>12</sup>, mas modifica seu espaço colocando o seu desejo, a sua vontade de fazer algo diferente e utiliza a arte para isso.

Quando fui ao assentamento, pedi a Inácio os textos da peça do "Caricultura," Inácio falou que ainda não a tinha escrito, pois cada integrante possuía a fala da peça decorada e criada por eles nos ensaios. Na peça, eles falam da degradação do meio ambiente pela mão humana, dos ventos, da água, do metal, do lixo, entre outras coisas. Lembro, no entanto, de um refrão da peça que fala: "arte, luta e cultura para cuspir na estrutura". Nesse momento, os participantes tomam uma posição claramente política<sup>13</sup>, ao se colocarem contra a estrutura vigente, ficando claro que eles não concordam com o que está sendo feito com o meio ambiente. A. compara a forma teatral do "Caricultura" ao "Teatro do Oprimido" de Augusto Boal<sup>14</sup>, como podemos observar:

---

<sup>12</sup>Chama-se "cultura de massa", toda cultura produzida para a população em geral, veiculada pelos meios de comunicação de massa. Cultura de massa é toda manifestação cultural produzida para a população, para o povo.

<sup>13</sup>Entendendo política como forma de atividade humana. O poder político é o poder do homem sobre outro homem, descartados outros exercícios de poder, sobre a natureza ou os animais.

<sup>14</sup>Augusto Pinto Boal (Rio de Janeiro, 16 de março de 1931 – Rio de Janeiro, 2 de Maio de 2009) foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional. Fundador do Teatro do Oprimido, que alia o teatro à ação social, suas técnicas e práticas difundiram-se pelo mundo, notadamente nas três últimas décadas do século XX, sendo empregadas não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política mas também nas áreas de educação, saúde mental e no sistema prisional. Palavras de Boal: "O teatro do oprimido é o teatro no sentido mais arcaico do termo, todos os seres humanos são atores – porque atuam – e espectadores – porque observam. Somos todos espec-atores".

A gente tá atrelando isso com o que a gente viu no Caricultura ao teatro do oprimido do Boal. O grupo Caricultura parte de uma história de autonomia imensa.(...) Eu faço acompanhamento pedagógico nos grupos, é um olhar mais técnico, um olhar diferenciado. O olhar diferenciado que vejo é essa visão de esquerda, essa visão libertária.

O "Caricultura" não se vincula a partidos políticos ou grupos religiosos e nem demonstra interesse em seguir os parâmetros de qualquer escola tradicional de teatro. Em sua filosofia, encontramos influências de movimentos libertários, anarquistas, com o objetivo de não compartilhar os processos hierárquicos do sistema capitalista de produção. Essa postura pode ter sido herança de lutas travadas pela conquista da terra e no contato em suas caminhadas e manifestações, mas, também pela vivência nas capitais, com as mais diversas tendências do pensamento libertário. A maioria dos integrantes do "Caricultura" tem uma maneira diferenciada de enxergar as vivências humanas e o meio ambiente, se comparados a outros moradores do assentamento. Perguntei a M. 19 anos, participante do grupo, como o "Caricultura" influenciou a sua vida e a resposta foi:

Eu era de uma família tradicional do interior, uma família machista, preconceituosa e (...) com nossas discussões eu me acho uma pessoa com menos preconceito. (...) Tem núcleos de assentamento que não tem a mesma defesa quanto à ecologia. A gente não concorda com o humor preconceituoso de alguns grupos de assentamentos. É a visão que é diferente. Aqui as pessoas têm uma mesma visão. No início do assentamento existiam famílias que discutiam essa questão do poder e por mais que tenham entrado outras famílias que não têm esse mesmo pensamento, mas (...) o grupo adotou esse pensamento. O nosso teatro não é um teatro para formar atores, um teatro profissional. Acredito que em outros assentamentos querem criar atores para ir para mídia e a gente não tem esse pensamento. Pensamos a questão ecológica desde o início do grupo. Por exemplo, hoje tem famílias que não queima e tão fazendo agro - ecologia e a peça da gente ta voltada em cima disso e a gente quer repassar isso para quem poder ver e ouvir. Dentro desse assentamento tem pessoas machistas, preconceituosas e que não liga pra natureza e até mesmo no grupo existem essas pessoas. O grupo não veta ninguém, o grupo é aberto.

M. outra integrante, conta como o grupo "Caricultura" influenciou seus

princípios e no modo como direciona sua vida:

Hoje não estou mais na casa da minha mãe, estou na minha casa e tento construir minha vida seguindo esses princípios da agro ecologia e eu comecei a amadurecer isso no caricultura (...) venho com o caricultura abrindo essa discussão e trazendo isso para minha vida (...) A primeira coisa é não queimar e construir uma boa relação com a terra (...). É isso que me baseio, eu planto, eu não queimo, eu não destruo, eu só tiro o necessário.

Percebi que alguns jovens do "Caricultura", na faixa etária entre quinze e vinte e dois anos, demonstram ter, no contexto de suas vidas cotidianas, um engajamento e um discurso revelador do interesse por questões planetárias como o cuidado com a natureza, com a terra, a luta contra as queimadas, desmatamento irregular, poluição etc. Em seus depoimentos, percebi que seus anseios giram em torno da realidade que os cercam. Alguns deles participam das assembléias gerais para discutirem as atividades que serão realizadas no assentamento; outros se encarregam de divulgar as práticas ecológicas e artísticas na "Barra do Leme". O grupo "Caricultura" aparece aqui como forte elemento condutor das ações dessa juventude, sendo uma importante peça de sociabilidade do assentamento.

Antes de realizar a entrevista com Inácio e Ivânia e conhecer o grupo "Caricultura" no assentamento "Barra do Leme", fui ao INCRA-CE conhecer o projeto "Arte e Cultura na Reforma Agrária" nos assentamentos rurais. Conversei com a coordenadora do projeto, Silma Magalhães, que narrou o percurso de desenvolvimento do trabalho voltado para a cultura nos assentamentos rurais. Apesar de ter tentado em 1994, 1995 e 1996 levantar um mapeamento das expressões culturais no campo, somente em 2003, no governo Lula, quando Eduardo Barbosa assumiu a superintendência do INCRA-CE, é que se conseguiu apoio para levar adiante esse projeto.

Percebendo a cultura como fonte de desenvolvimento, firmaram convênio com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-CE) e dessa forma, realizaram capacitação dos técnicos e dos assentados, produziram um mapeamento das manifestações culturais e organizaram um seminário estadual. Contavam com setenta integrantes nesse seminário, ampliado para cento e setenta e oito. Número, que segundo Silma Magalhães, mostrou o interesse das pessoas pelo tema da cultura. Nesses debates estavam presentes a Secretaria da Cultura do Ceará e o Banco do Nordeste. A partir do mapeamento, levantaram-se questões sobre a cultura popular, juventude e educação. A partir

daí, começaram a definir o trabalho, pensando em fazer pontes entre as políticas culturais e os grupos culturais.

De acordo com Silma Magalhães, as propostas culturais foram surgindo de forma espontânea, isto é, foram sugeridas pelos próprios assentados e trabalhadas coletivamente. Juntamente com o "Programa Valorização das Culturas Regionais", um programa da (SECULT, 2003 a 2006)<sup>15</sup>, se criou uma linha de difusão das criações artísticas dentro dos assentamentos. Com o desenvolvimento do trabalho, se realizaram mais de cem apresentações no interior do Ceará, no Rio Grande do Sul durante a Conferência Nacional de Desenvolvimento Cultural, em São Paulo e Rio de Janeiro. Foi publicado, ainda, o livro de Oswald Barroso<sup>16</sup>, "Arte e Cultura na Construção da Reforma Agrária"; realizada uma exposição fotográfica conhecida por "Uma Terra que Jorra Leite e Mel"; foi feito um documentário com Rosenberg Cariry<sup>17</sup>, participação do ano de comemorações Brasil e França denominado "Terra e Cultura na Construção da Cidadania", articulado com Organizações não Governamentais (ONG'S) e a Universidade Federal do Ceará (UFC).

Silma Magalhães revela que a dimensão econômica não é a questão

---

<sup>15</sup>Na Secretaria Estadual da Cultura do Ceará, na gestão de 2003 a 2006, criou-se o Plano Estadual de Cultura do Ceará que tinha como meta a Valorização das Culturas Regionais, ou seja, esta meta visava uma aproximação com os municípios cearenses, buscando uma descentralização ao acesso às formas de fomento a cultura. Segundo Leitão: Com a criação de uma política de editais de fomento às artes (...) demos o primeiro passo para a inclusão, pois garantimos em lei que pelo menos 50% dos recursos do Fundo Estadual de Cultura seriam voltados ao apoio de projetos advindos do interior do Estado. (LEITÃO, 2009, p.550). Nesta gestão, foram construídas redes que possibilitavam o diálogo com artistas e gestores de equipamentos e outros profissionais da cultura no interior.

<sup>16</sup>Oswald Barroso: poeta, jornalista, ator, folclorista e teatrólogo. Tanto na atividade artística (poesia e teatro), quanto na atividade jornalística (particularmente, como repórter do jornal O Povo), e na atividade acadêmica e de pesquisa, tem trabalhado sobre temas relacionados à cultura popular cearense, notadamente, aos movimentos sociais, à religiosidade, ao artesanato, às festas e aos folguedos.

<sup>17</sup>Filósofo de formação, Rosemberg Cariry começou sua carreira cinematográfica em 1975 com documentários de curta metragem sobre artistas populares e manifestações artísticas do Ceará e do Nordeste. Na década de 80, realizou os seus primeiros filmes. Seus principais filmes de Longa metragem são: A Irmandade da Santa Cruz do Deserto (1986); A Saga do Guerreiro Alumioso (1993); Corisco e Dadá (1995). Um traço marcante da obra de Rosemberg Cariry é a busca sempre renovada das fontes e dos encontros na cultura do Nordeste do Brasil.

fundamental, ou seja, a intenção da proposta não é fazer os assentados ganharem dinheiro por meio das suas manifestações artísticas. O objetivo, discutido coletivamente entre os assentados, é trabalhar a auto-estima, a coesão social, a educação e a sociabilidade dos jovens. Para ela, o processo de desenvolvimento deve-se pautar nos traços culturais da comunidade e a partir daí, é que deve ser pensado o desenvolvimento local.

Para Turino, os "Pontos de Cultura" é um aproximador de iniciativas a ações e só se concretiza quando articulado em rede. O "Cultura Viva" é concebido como uma rede orgânica que tem como base de articulação o "Ponto de Cultura". Turino cita o exemplo do "Homem Vitruviano" de Leonardo da Vinci para exemplificar essa relação, ou seja, o "Ponto de Cultura" é a base e o "Cultura Viva" é a alavanca que impulsiona a integração entre os sujeitos produtores de cultura em diversas localidades do Brasil. Um dos objetivos dessa política pública é abrir espaço para os indivíduos participarem de forma ativa e formuladora, a partir daí, criar novas concepções de desenvolvimento social fundamentada no protagonismo social.

São sete assentamentos envolvidos no projeto "Pontos de Cultura", recebedores da quantia de R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais). Há ainda, previsão da disponibilização de um *Kit* multimídia, internet e divulgação das manifestações artísticas da comunidade. Segundo Silma Magalhães, a autonomia é um dos objetivos buscado pelo projeto, por isso, o intuito é trabalhar conjuntamente, mas buscando a autonomia dos assentados. Estão previstos cursos de desenvolvimento cultural no assentamento, a fim de qualificar tecnicamente agentes de desenvolvimento cultural, qualificação essa, promovida pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFET).

Inácio revela que o "Ponto de Cultura" traz muitas obrigações e burocracias que eles não estão acostumados a administrar. Por exemplo, as prestações de contas dos gastos com o projeto e a administração de uma determinada quantia de dinheiro (duzentos mil reais), principalmente, porque a intenção inicial do grupo não seria ganhar dinheiro e nem tampouco administrá-lo. O objetivo é trazer uma reflexão a respeito da resistência da cultura tradicional camponesa, perante os valores do meio urbano e participar dos eventos sobre cultura para divulgar suas propostas ecológicas de preservação do ambiente.

Nas falas de Inácio, Ivânia e Silma Magalhães, aparecem repetidas vezes a palavra "autonomia". Observei que essa palavra é pronunciada a partir de sentidos diferentes. Para Silma Magalhães, "autonomia" está relacionada ao

desenvolvimento econômico do assentamento; com a capacitação dos assentados para que os mesmos gerenciem seus negócios e problemas provindos das suas famílias e da comunidade, obtendo melhorias econômicas, desenvolvendo por meio das expressões culturais, a sua auto-estima.

Silma Magalhães enxerga o trabalho de qualificação técnica de agente de desenvolvimento cultural, como um meio de possibilitar o aparecimento de pessoas "capacitadas", para animar através das manifestações artísticas e culturais, os assentados, fazendo com que os mesmos desenvolvam a dimensão cultural de suas vidas no assentamento.

O grupo "Caricultura" foi construído por meio de vivências espontâneas e cotidianas que envolviam amizades, sentimentos, diversões e também discussões dos problemas e questões provindas do dia-a-dia. Todos esses episódios animavam e motivavam as crianças, jovens e adultos a participar e criar dentro do grupo. As condutas dos indivíduos foram construídas em cima de uma aspiração do mundo no qual vivem e estão impregnadas por valores e convicções ecológicas construídas ao longo de sete anos. A vinda de pessoas tentando ensinar ao grupo a "arte de animar", não é bem vista pelos integrantes do "Caricultura", pois de acordo com os integrantes do grupo, "não precisa de agentes culturais ensinando a arte de animar", uma vez que a animação e as manifestações culturais vêm ocorrendo ao longo desses sete anos. Autonomia para alguns integrantes do "Caricultura" representa plantar para subsistência independente do mercado e do sistema capitalista. A autonomia também está relacionada ao modo como organizam o grupo, onde todos participam na construção das peças teatrais e não existe a figura do diretor.

#### **4. Conclusão**

Os integrantes poderiam permanecer preocupados apenas com questões individuais, mas, ao contrário, percebo uma busca de integração não só com o assentamento, mas também com o mundo. Razão que leva alguns integrantes a visitarem muitos lugares, buscando contatos com pessoas, a fim de repartir e aprender. Atitude que mostra uma disposição nômade, pois alguns integrantes do grupo não se comportam como árvores que estabelece um ponto e ali se fixam assumindo uma atitude sedentária, mas comportam-se como rizomas que percorrem espaços, assumindo variadas formas, vencendo obstáculos. De acordo com Deleuze e Guattari, "um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais" (DELEUZE, GUATTARI, p.14, 2009). Alguns integrantes do grupo

"Caricultura" buscam "linhas de fuga" dentro do que está posto pela sociedade, por meio de suas "resistências" mudam de natureza se conectando a outras formas de ser e estar no mundo.

As experiências deste grupo permitem microprocessos revolucionários que ocasionam mudanças no dia a dia dos moradores do sertão. Com pequenas ações autônomas, esses indivíduos burlam formas de controle social que massifica e padroniza comportamentos, apresentando seus próprios desejos e subjetividades. A subjetividade aqui compreendida não é concebida a partir da psicanálise tradicional que se baseia numa estrutura fixa do inconsciente, mas na concepção trazida por Guattari, onde o inconsciente aparece como processual e a subjetividade produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Nesse entendimento de subjetividade, os sujeitos estão constantemente sendo construídos e ao mesmo tempo construindo a realidade circundante.

A experiência artística realizada no referido assentamento, aponta para uma característica dos sujeitos desta pesquisa relacionada com a necessidade de reinventar seus cotidianos, independente da produção artística vigente nos meios urbanos. Desse modo, podemos compreender esses sujeitos em suas experiências como operadores de suas próprias vivências em suas "linhas de fuga" (DELEUZE, GUATTARI, 2009), uma vez que são portadores de processos criativos e grávidos de novas possibilidades de ser/estar no mundo.

O grupo "Caricultura" vem durante sete anos, levantando questões relacionadas à agroecologia como as queimadas, os agrotóxicos, os transgênicos, etc. A proposta do grupo artístico é estabelecer uma boa relação entre os elementos da natureza e os agricultores, principalmente, porque os componentes do "Caricultura" têm um histórico familiar de constante contato com a terra. Talvez, por isso, tenham conseguido enxergar um sentido de vida voltado para o cultivo da terra, ao mesmo tempo do cultivo das solidariedades. Através da vida como forma de arte, o "Caricultura" vai além da mera solução de problemas imediatos, mas desenvolvem indagações sobre o ser/estar dos seres humanos no mundo.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: ensaio sobre a imaginação das Forças. 1a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Novo Espírito Científico**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARROSO, Oswald. **A Arte e a Cultura na Construção da Reforma Agrária**. Fortaleza: INCRA-CE, 2005.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofênia, v.I, São Paulo: Editora 34, 2009.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LCT, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/UFMG, 1999.

MARCUSE, Herbert. **Eros e a Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6a Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura**: O Brasil de Baixo para Cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.